

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º a entrega	29.º Anno — XXIX Volume — N.º 991	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial — Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	950	\$120	10 DE JULHO DE 1906	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

Commemoração do Pintor Vieira Portuense



FRANCISCO VIEIRA PORTUENSE

Fac-simile de uma gravura em cobre, Pertencente á Academia de Bellas Artes de Lisboa

Chronica Occidental

Vire-se um homem para onde quer que se vire, e o que vê por toda a parte é pancada, pancada que está sendo, pancada que está para ser, mais proxima ou mais remota.

A palavra talvez seja fraca, se pensarmos um momento no que está para succeder na Russia, depois que a Duma affirmou tão decisivamente suas idéas. O poderosissimo czar passa tormentos maiores que os mais fantasiosos inventados pela

fabula nos infernos. Que inveja deve ter do mais humilde de seus camponeses!

Pancada!... A palavra effectivamente é fraca. Em compensação seria forte de mais se nos referirmos ao mais frequentado dos divertimentos em Lisboa, onde tanto vão estes fraquejando agora. Mas o Colyseu enche-se todas as noites e ali os mais notaveis hercules, em lucta uns com os outros, ostentam seus musculos e criam partidos entre os espectadores, que nem sempre, durante os combates, sabem conservar o sangue frio. Ha sobretudo um allemão, pouco leal segundo dizem, que tem excitado as iras. Uma d'estas noites ar-

remessaram-lhe lá de cima do circo com um escarrador, e bengalas não faltam atiradas para a arena.

Tem sido este o espectáculo mais concorrido de Lisboa. O grande circo todas as noites se apinha, e não ha hoje no mundo artista, general ou grande politico obtendo mais ovações do que os musculos brutaes do grande campeão do mundo, possuidor do cinto d'ouro.

De muito mais pancada se fala ainda. Mais ou menos, por todo o mundo, os bons pedaços de somno dos tempos aureos deixaram de ter uma existencia real. Acolá são os autocratas que não

fecham uma palpebra, aqui são os modestíssimos empregados jornalheiros que vêm crescer azas para fugir aos minúsculos bocadinhos de pão.

Que maus sonhos vão por todo o mundo! E que más realidades!

Pois não devia haver razão para isto. Os poetas sonhadores tinham previsto para este principio de seculo o reinado da paz sempiterna. Quem se não lembra, de vez em quando, dos magníficos alexandrinos de Victor Hugo, quando as guerras rebentam entre as nações, ou revolucionarios, de rostos ennegrecidos pelo fumo da polvora, escancaram as boccas clamando vingança!... Enganaram-se os poetas no tempo; sabe Deus se em tudo o mais não se enganaram!

Não será a paz no mundo inteiro o que foi para nós D. Sebastião? Não serão no mundo agora, mais do que grãos de areia nas praias do mar, os novos sebastianistas?

Toda a Terra é já muito pequena para conter as ambições dos homens. Crescem os exercitos, crescem as armadas. D'onde se deve esperar a salvação? Enquanto a razão continuar sendo a do mais forte, não de falar os canhões muito mais alto que a melhor theoria philosophica, que os mais preciosamente metrificadas alexandrinos dos poetas.

A razão do mais forte!... Mas se os mais fortes acabarem alguma vez? Se a sciencia, que tem ido por tão máo caminho, deixar, um dia, de andar ao serviço de capitalistas e poderosos, e egualar a força no mundo inteiro?

Não podiam prever nossos avós o que o progresso havia de fazer do mundo, tão pequenino já, que em tão poucos dias lhe dá volta um paquete, quasi uma cidade, e que, em menos d'um segundo, o que vai pela China pode em Lisboa ser conhecido. Coitadinhos dos nossos avós, quantas coisas ignoravam! Julgámos nós conhecer, melhor ou peor, o que o mundo havia de ser dentro de poucos annos; a rapidez das communições levada ao exagero era o ideal de toda a gente: n'um só dia, almoçar em Lisboa, jantar em Christiania, ceiar em Haiti. E de repente um angulo de ninguem previsto na estrada da sciencia revela-nos uma paisagem inteiramente differente e deixa na maior confusão os mais seguros em seus principios que eram fundamento de todas as prophcias.

Cada dia que passa nos traz uma nova surpresa; pode ser que alguma vez o problema da miseria se resolva com a mesma facilidade com que hoje os raios x atravessam os corpos e um pedacinho de radio luz por seculos e seculos na escuridão. O que não fizeram volumes de muitos sabios talvez no seu laboratorio o venha a descobrir um chimico. Mas nunca fiando, continue do problema a ser estudada por outros meios a solução. Os alchimistas não acharam o oiro; poderá ser que os chimicos não encontrem tão cedo o meio de nos fornecer o pão nosso de cada dia. E d'ahi, quem sabe? Talvez o descobrimento desse apenas razão para mais algum monopolio! Tolstoi no seu livro *O que é a arte?* poucas linhas dedica á sciencia, contentando-se em criticar-lhe o caminho em que vai; que livro util seria o d'elle, se, como escreveu sobre a arte, outro volume dedicasse á sciencia e ao egoismo de tantos sabios que a põem ao serviço da maior riqueza dos industriaes e dos governos que amam a guerra.

Más fadas ha por todo o mundo agora. No proximo mez realisam-se as eleições e não tardará que os jornaes de opposição ao actual governo comecem em mais violenta campanha, não nos dando descanso nem sequer n'estes mezes de verão, em geral muito mais pacíficos.

E é pena realmente. O verão tem tido dias acciadores, temperados, tardes amenas, deliciosas noites. Porque não haveriam os homens de inspirar-se em tão bons exemplos da natureza?

Lisboa ainda tem uma certa animação. A tarde, na rua do Oiro, senhoras que passam estream as modas proprias da estação em que entrámos, as quaes, d'aqui a pouco, não de ostentar nas praias elegantes do norte e no Estoril e em Cascaes.

Para que do inverno ainda nos ficassem umas certas recordações, até uma nova exposição tivemos em Lisboa; a das reproduções dos trabalhos de Soares dos Reis e de Teixeira Lopes, que podemos admirar no salão nobre do theatro de D. Maria. A industria — e honra seja ao industrial



JOSÉ MALHOA

— ajudando a arte. Ali vimos reproducções do *Busto da Inglesa*, da *Flor agreste*, do *Christo* de Soares dos Reis e da *Viuva* e da *Historia* e da *Caridade* e da *Dór* de Teixeira Lopes e de tantas mais obras que lhes deram fama e honra a seus nomes. Lá estavam as deliciosas crianças que Teixeira Lopes sabe modelar com uma ternura inegalavel e tanto entusiasmo causaram quando as expoz em Paris.

Uma muito boa noticia, que sobre arte ainda podemos d'esta vez dar aos nossos leitores, é a do grande exito obtido por José Malhoa na exposição que dos seus quadros fez no Rio de Janeiro, onde pela parte do governo e pelo publico foi muito bem recebido. E de esperar que outros artistas portuguezes lhe sigam o exemplo e mais uma vez a arte servirá para unir os laços entre portuguezes e brazileiros, com melhor resultado e mais seguro exito que trabalhos diplomaticos.

Um illustre portuguez, que muito no Brazil tem honrado a nossa terra com seu talento, esteve agora entre nós. Afastado como andamos, tarde soubemos da sua estada em Lisboa e por isso só o procurámos no hotel no mesmo dia em que elle partia para a Louzã terra da sua naturalidade. Mas não deixará o OCCIDENTE de dar as boas vindas a João Luzo e prestar-lhe homenagem do seu respeito e gratidão pelo muito que, com sua auctoridade, pelos portuguezes tem na imprensa brazileira pugnado constantemente.

Nem sempre dão os nossos governos á arte a consideração que ella merece. Mas não ha duvida que a maior união entre estes povos irmãos á arte e á litteratura a devemos.

JOÃO DA CAMARA.

A Commemoração do Pintor Vieira Portuense

A terra onde teve seu berço o celebre pintor portuguez, dos fins do seculo xviii e principios do xix, Francisco Vieira, a laboriosa cidade do Porto, onde gira ainda o melhor sangue d'esta patria depauperada, quiz agora recordar em gloriosa commemoração aquelle seu filho, que tanto a honrou, fazendo uma exposição das suas obras, a qual foi inaugurada no dia 17 do mês de junho findo, no salão nobre do theatro de S. João.

Tomou a iniciativa d'esta commemoração a Sociedade de Bellas Artes, e conseguiu reunir para o seu intento, uma boa porção de quadros,

desenhos, esboços e gravuras de Vieira Portuense de que citaremos os principais a começar pelo quadro da *Morte de Santa Margarida de Cortona*, um dos melhores de Vieira, assim como o da *Rainha Santa Isabel dando esmolas*, uma *Nossa Senhora da Conceição* e *S. Luiz Rei de França*, todos pertencentes á ordem de S. Francisco, do Porto; *Adoração do Santissimo* quadro pertencente á Academia de Bellas Artes; *Christo Crucificado*, de grandes dimensões e dos mais notaveis d'este artista, pertencente ao Museu do Porto; *S. João mostrando o Missias* e a *Fuga de Margaria de Anjou*, pertencentes ao Museu Municipal; retratos de D. João VI e de D. Carlota Joaquina, do Museu do Porto; do conego José Rebello de Sousa, pertencente ao sr. visconde de S. João da Pesqueira; do pintor Domingos Sequeira, pertencente ao sr. conselheiro Ignacio Xavier; tres cabeças de estudo feitas em Roma e parece copiadas de Raphael.

Superior a estes quadros mencionaremos o que figura n'esta exposição e que allude á princesa D. Leonor de Castella quando salvou da morte seu marido o principe Eduardo de Inglaterra, depois Eduardo I, na occasião de ser ferido na praça pelo punhal envenenado de um musulmano, no cerco de S. João de Acre.

Este é um dos grandes quadros de Vieira Portuense, e que a Associação Britanica do Porto conserva com o apreço e cuidados de uma bella obra d'arte que é.

Notam-se ainda os quadros *Visão de Santa Thereza* pertencente ao notavel escultor Antonio Teixeira Lopes; *D. Fua Roupinho*, pertencente ao sr. Amorim Braga, e *Familia Sagrada*, do sr. Torquato Pinheiro.

O esboceto para o grande quadro *Viriato*, pertencente tambem ao sr. Amorim Braga. O quadro *Viriato* é dos mais notaveis do eminente pintor; foi executado em Londres e offerecido pelo auctor ao Principe Regente de Portugal. Este quadro figura na galeria do palacio da Ajuda. D'este quadro fez Bartholozzi uma bella gravura em cobre, de que publicamos a reproducção em fac-simile (1).

N'esta exposição figuram algumas gravuras notaveis de Bartholozzi de desenhos de Vieira Portuense como a das *Nymphas dançando* e uma cabeça de Christo, copia do quadro de Guercino, uns seis desenhos a crayon e sanguinea, feitos em Roma e propriedade da Academia de Bellas Artes; outro desenho a sanguinea representando um grupo de anjos pertencente tambem ao escultor Antonio Teixeira Lopes, etc.

Muitos são os quadros do grande pintor, que nos poucos annos que viveu, produziu trabalhos que provam a fecundidade do seu talento e actividade, mas nem todos era possivel reunir em uma exposição, tanto mais achando-se esses quadros espalhados por differentes galerias publicas e em poder de particulares, como teremos occasião de mencionar no decorrer d'este artigo.

Pelo que nos informam, os quadros achavam-se bem collocados nas antecâmara e no salão nobre do theatro de S. João, artisticamente decorados de lindas plantas, flôres e colgaduras, tendo sido inaugurada a exposição com a assistencia dos socios da Sociedade de Bellas Artes e representantes da imprensa portuense, animando tambem aquelle acto um sexteto que impremio a nota festiva á commemoração do grande pintor.

A justa homenagem que a Sociedade de Bellas Artes do Porto prestou ao glorioso artista portuense vem hoje associar-se o OCCIDENTE, que desde o seu primeiro numero, — e já lá vão 999 — tem sempre pugnado pela arte e pelos artistas nacionaes, quer animando e vulgarizando as obras dos seus contemporaneos, quer lembrando artistas do passado e suas esquecidas ou ignoradas obras com que se honra a historia da nossa arte.

Vieira Portuense é um d'esses vultos mais eminentes de que pôde orgulhar-se a Arte Portuense e cujas obras são pouco conhecidas do vulgo, como de resto pouco ou nada sabe da existencia do artista. Tornar, pois, conhecido o nome de Vieira Portuense e a sua obra, é o que, secundando o empenho da Sociedade de Bellas Artes, do Porto, tentamos fazer n'este numero, publicando o retrato do glorioso pintor, reproduzindo um dos seus melhores quadros e descrevendo sua vida, respigada em uma biographia escrita

pelo auctor do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Francisco Innocencio da Silva, a mais completa que conhecemos.

O nosso meio litterario

(A educação pelo theatro)

II

A protecção ás letras, bem o sabemos, importa um determinado gráo de instrucção que o povo portuguez não tem. De que serve escrever, se não ha quem leia? De que serve editar obras, que pouco ou nada se vendem? Mas é exactamente por isto que mais necessaria se torna uma tal protecção.

Vejam os:

Encarada a questão sob o ponto de vista educativo, sem duvida, que aos governos verdadeiramente liberaes, cumpre olhar com a tenção para este assumpto. Não é elle a base da felicidade de um povo? Sim! fundem-se escolas, abram-se lyceus, reformem-se cursos, facilite-se n'uma palavra a instrucção, mas por Deus não se postergue o problema litterario, que é inquestionavelmente a propria instrucção.

Não pedimos leis coercitivas contra a imprensa, não queremos a presença da auctoridade na officina typographica, não pugnamos pela censura de nefasta memoria!

E' outro o nosso ideal.

Ha quem diga, que no assumpto sujeito não é só liberdade o que disfructamos, é mais — é licença, é anarchia. Embora! Que ninguém ouse com mão violenta pôr diques a tal estado de coisas. Seria loucura. Se existe o mal, é outro o remedio. O anjo da Liberdade acariciado, sorri com infinita doçura; esbofetado converte-se em Satan. A iniciativa particular que faz verdadeiros milagres e a iniciativa official, que bem orientada, faz prodigios, uma vez entendidas n'este assumpto, poderiam, talvez, resolver o problema...

Como symbolo da iniciativa particular temos a Academia Real das Sciencias.

Esta corporação scientifica e litteraria, estimulada pelo generoso procedimento de S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz I, conferiria, em harmonia, que devera ser por igual generosa do governo, largos premios compensadores do trabalho scientifico e litterario. Imprimi-los-hia á sua custa, cuidaria da sua vasta diffusão por todo o paiz e pelo imperio do Brazil, trataria com desvellado empenho de salvaguardar a propriedade litteraria, daria o merecido galardão ao escriptor, conferindo-lhe o diploma de seu socio, n'uma palavra, por todos os meios procuraria demonstrar a grandeza dos fins que presidiram á sua fundação.

Isto que importa tão grande reforma no movimento intellectual, collocou a seguinte interrogação no espirito do leitor: E quem ha-de reformar a Academia Real das Sciencias? Quem ha de? Talvez o conseguisse uma energica propaganda, em toda a imprensa portugueza, fosse qual fosse seu cordão politico, como um dos mais efficazes auxilios do governo energico que a tal empenho se consagrasse...

Mas não se devia limitar tão sómente a isto a iniciativa particular. Considerada sob o ponto de vista individual, e sem de modo algum ir ferir nobres orgulhos, mas exclusivamente como manifestação de reconhecimento do alheio merito, ao mesmo tempo que, afirmação patriótica, ella poderia patrocinar pelos meios materiaes e moraes, muito talento que por ahí se definha. Sob o ponto de vista colectivo — e muito principalmente — ella fundaria associações litterarias.

O publico carece de instrucção e precisa de alcançar — mais uma vez o diremos — o gosto pelo genero litterario, que mais facil e directamente o emociona e aquelle que mais pode contribuir para a sua regeneração moral e intellectual. Como, pois, conseguirá elle obter e desenvolver esse gosto?

Pela reforma do Theatro.

N'essa reforma, que só pode ser levada a cabo com uma decidida protecção das forças dirigentes do paiz, entre outras medidas a que nos referirêmos em occasião oppurtuna, incluem-se, por exemplo:

— Completa reorganisação do Conservatorio Real de Lisboa e muito principalmente das aulas de declamação d'aquella escola.

— Creação de verbas especies destinadas a subsidiar aquelles que na mencionada escola se quizessem dedicar á arte dramatica. Identicas verbas para viagens ao estrangeiro dos alumnos premiados, bem como dos actores de reconhecido merito.

— Legislação especial sobre originaes portuguezes e principalmente no que diz respeito á sua admissão e representação no Theatro Normal. Idem, sobre traducções, de modo que por

principio algum ellas sejam preferidas aos originaes, em seu prejuizo manifesto.

— Legislação especial sobre propriedade litteraria, applicada ao Theatro.

— Estabelecimento de premios importantes para as melhores obras dramaticas e para os melhores artistas.

E, enfim, muitas outras disposições legislativas de alcance pratico e immediato, mas fóra completamente do mero desejo de salvar apparencias, como hoje acontece, e é facil de vêr, uma vez que se encontram na legislação regente algumas d'aquellas medidas, sem, todavia serem realisadas.

A Arte dramatica nunca em Portugal se elevou á esphera superior, onde a sua intelligencia lhe assignalou incontestado logar.

Não admira. Houve um periodo ephemeramente aureo, em que ella, ao impulso de Almeida Garret deu muito e prometeu mais.

Almeida Garret foi n'este seculo o theatro portuguez, lêmos algures, e esta phrase é tão synthetica, quanto verdadeira.

Rasões, contudo, de diversas ordens, predominando entre ellas, a politica, afastaram d'esse caminho muita vocação que desabrochava ao lado d'aquella gigante da litteratura portugueza. E depois da morte d'elle, vida enfermiça tem vivido a scena portugueza; rapidas fulgurações a que teem succedido longas trevas; manifestações de altos talentos, já em artistas, já em auctores, a breve trecho confundidos na sombra, ou quando muito tornados em luz, sem raios, estavel, fria...

Não admira, repetimos. Que protecção tem tido o Theatro? Que legisladores tem consagrado attenção detida n'este assumpto?

Não! não nos cega um sentimento patriótico, afirmando que possuímos completas vocações dramaticas. Os factos fallam acima de tudo.

Como pretendemos demonstrar no nosso passado artigo, esta questão encerra um dos mais importantes problemas que ventila o mundo culto. Trata-se de erguer o vivêr intellectual e moral de um povo, que, decididamente está muito longe de ir na vanguarda do progresso; e para a elevação d'esse nivel, entendemos nós, que muito contribuirá a elevação do Theatro portuguez.

O actual governo que medite no assumpto. Ao seu alto criterio é nosso dever sujeitar um problema, que embora complexo, quando resolvido tanto pode contribuir para o bem da collectividade, como para o engrandecimento da nossa patria, do nosso povo, d'esta linda terra que se chama Portugal!...

MARIO DE SANTA RITA

ESCOLA ACADEMICA

PROVAS ANNUAES DAS AULAS DE EDUCAÇÃO PHISICA ARTISTICA E LITTERARIA.

E' sempre com o maior prazer que todos os annos, por delicado convite do sr. dr. Mauperrin Santos director e proprietario da Escola Academica, assistimos ás provas annuaes dos alumnos d'esta escola, provas que constitue ao mesmo tempo uma festa das mais alegres por que n'ella vive e se expande a mocidade com todo o vigor e alegria dos verdes annos.

Então nos sorri um mundo de esperanças, n'aquelles homens do futuro, que ali estão sendo educados, conforme os preceitos mais modernos e de provados resultados da educação phisica e litteraria, que hoje se completam e são indispensaveis para a vida da sociedade, quer na sociabilidade das salas, quer no campo da actividade e do trabalho, em que tantas e tão variadas habilitações são precisas para lutar e progredir vantajosamente.

Essa educação tão complexa que hoje se exige, recebem-na os alumnos da Escola Academica, o primeiro estabelecimento escolar de Lisboa e do paiz, que na sua longa existencia tem acompanhado todos os progressos do ensino ao ponto de ser hoje um estabelecimento modelar.

Ociosos é insistir sobre este ponto a que aliaz por mais de uma vez se tem referido o OCCIDENTE quando tem tratado da Escola Academica.

Passemos antes a apreciar as festas escolares que ali se realisaram nos dias 22 24 29 de junho e 1 do corrente, cada uma das quaes teve sua feição especial, principiando pela do dia 22 de junho, que teve caracter mais intimo, por se celebrar a communhão dos alumnos em que alguns a receberam pela primeira vez, acto a que compareceu o Rev. Arcebispo de Mitylene, havendo em seguida o almoço aos alumnos, servido no grande pavilhão da escola, e a que assistiu sua

Pelo que Francisco Innocencio da Silva averiguou com os cuidados que sempre o acompanhavam n'estas pesquisas, Francisco Vieira, cognominado o Portuense, (2) nasceu no anno de 1765 — e não 1766, como alguns dos seus biographos consignam — a 13 de maio, na cidade do Porto, filho de Domingos Francisco Vieira e de Maria Joaquina. Seu pae era droguista e, não sabemos se por lidar com tintas ou por natural propensão, cultivava tambem a pintura em que não era dos de menos conta, segundo a frase tradicional.

Não admira, pois, que Francisco Vieira se inclinasse logo dos tenros annos ás artes do desenho e da pintura, e que seu pae não lhe contrariasse a vocação, como tanta vez tem acontecido, e até o iniciasse nos rudimentos da arte.

Entretanto, naquelle tempo, vivia no Porto um pintor, segundo se supõe de origem allemã, mas nascido em Portugal chamado João Glama, e de que n'aquella cidade ainda se conservam obras de valor. Este artista foi quem primeiro guiou o joven Vieira no estudo da pintura, ao qual seguiu um outro pintor francez, João Pilman ou Pillement, chegado ao Porto e que tambem encaminhou Vieira no estudo da pintura de paisagem, que cultivava a primor.

Isto foi a iniciação de Francisco Vieira no estudo da pintura, mas pretendendo alargar seus conhecimentos, e supondo que em Lisboa poderia realisar sua aspiração, veio para a capital, por 1784, cursar a escola de desenho que fóra estabelecida pela Rainha D. Maria I e de que era professor Joaquim Manuel da Rocha. Essa escola de desenho de figura e historia funcionava com outra de architectura civil, num pavimento baixo do convento dos frades theattinos, conhecidos por Caetanos, e onde hoje está instalado o Real Conservatorio de Lisboa.

Havia então, estabelecidas por Pina Manique, pensões a estudantes para estudar no estrangeiro, e foi talvez esta circumstancia que mais influíu Francisco Vieira a vir matricular-se na escola de Lisboa, para vêr se assim melhor conseguia ser um d'esses pensionistas subsidiados pelo governo para ir estudar em Roma, n'aquella centro das artes, que mais sorria ao joven estudante, e que seria, porventura os seus sonhos dourados, ambicioso como estava de alargar seus vãos, n'uma grande aspiração da Arte.

Francisco Vieira propoz-se ao pensionato, mas não logrou alcançar despacho favoravel á sua proposta provavelmente por os pretendentes serem muitos e as pensões poucas, o que as limitaria, conforme os costumes velhos, aos que tivessem melhores empenhos, porque então como hoje, já se disia que, quem não tem padrinho morre mouro.

Deve ter sido isto e não a falta de meritos de Vieira que, seguramente seria um distincto estudante, de tanta inclinação para a arte, que o privaria d'aquelle beneficio concedido a outros seus condiscipulos, e quanto este revez o desgostaria não o sabemos, mas é facil de supôr, no empenho em que estava de seguir sua carreira.

Mas se o Governo de Lisboa não attendeu devidamente aos meritos do estudante Francisco Vieira, attendeu-o a Companhia dos Vinhos do Alto-Douro, que tendo conhecimento do que se passava com o talentoso estudante e apreciando os seus merecimentos, estabeleceu-lhe a pensão de 300.000 réis annuaes para ir estudar em Roma o tempo que fosse necessario para completar o seu curso.

E' facil imaginar a satisfação com que Vieira receberia a generosa concessão da Companhia, e como se daria pressa em seguir para Roma, onde ia recber as lições dos grandes mestres e viver n'um mundo da grande Arte.

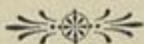
Foi por 1789 que Francisco Vieira Portuense seguiu para Italia.

(Continua)

C. A.

(1) Esta gravura é rara e o exemplar que nos serviu para a reprodução, foi-nos muito obsequiosamente emprestado pelo sr. Antonio Victor Ribeiro, amador e colleccionador de retratos e gravuras antigas. Os nossos agradecimentos.

(2) O cognome de Portuense foi dado a Francisco Vieira para o distinguir do seu contemporaneo Francisco Vieira de Mattos, cognominado Vieira Lusitano.



Commemoração do Pintor Vieira Portuense

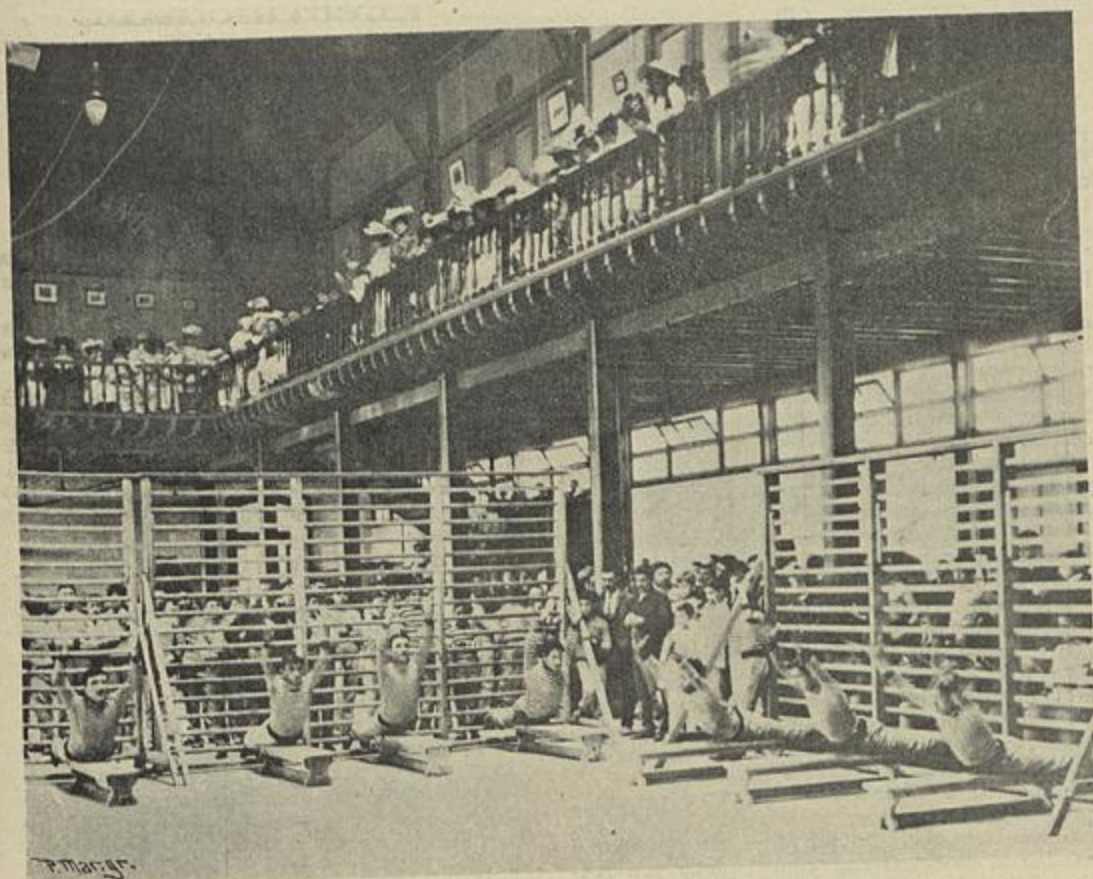


VIRIATO

QUADRO DE VIEIRA PORTUENSE, EXISTENTE NA GALERIA DO REAL PAÇO D'AJUDA

Fac-simile de uma gravura de Bartholozzi, pertencente ao sr. Antonio Victor Ribeiro

Escola Academica



PROVAS ANNUAES DAS AULAS DE EDUCAÇÃO PHISICA
EXERCICIOS DEGYMNASTICA NO RIPADO

ex.^a Revd.^{mas}, director, professores etc. da escola assistindo muitas familias dos collegiaes

No dia 24 realisaram-se as provas das aulas de educação phisica, comprehendendo gymnastica, esgrima de pau e de florete e patinagem.

Estas provas foram dadas em presença da direcção e de todo o corpo docente da escola, e com a numerosa assistencia das familias dos alumnos e mais convidados, que enchiam a galeria e todo o recinto do pavilhão, ficando apenas livre o centro onde os alumnos executaram os seus exercicios.

O programma constava dos seguintes numeros: exercicios elementares de gymnastica, marcha em ordinario e accelerada, gymnastica sueca, exercicios no ripado, na trave e nos arçoes. Jogo de pau, cortezias e assaltos. Esgrima de florete. Patinagem, quadrilhas, corridas e jogo da roza. Estes numeros eram alternados com numeros de musica pela orchestra e pela fanfarra tambem dos alumnos.

Todos estes exercicios despertaram o maior interesse dos assistentes, pela perfeição com que foram executados, chegando por vezes a serem calorosamente applaudidos os alumnos, muito especialmente no jogo do pau, tão nosso, tão português que entusiasmou verdadeiramente os espectadores.

Não sabemos a quem mais devemos louvar, se aos estudantes pelo seu bom aproveitamento, se aos professores pela proficiencia com que ensinam, se á direcção que tão bem tem sabido organizar os differentes cursos de forma a poderem ser bem aproveitados pelos alumnos, o que muito convem attender em estudos tão complexos a realizar em determinado tempo.

De tão agradável festa todos se retiraram satisfeitos, tendo havido uma nota altamente sympathica, como foi a ovação que os alumnos da escola fizeram ao professor de gymnastica Monteiro, offerecendo-lhe tambem um lindo tinteiro de prata e crystal e um estojo com pretenses de escrita.

No dia 29 realisaram-se as provas das aulas de musica e linguas, que não foram menos interessantes que as precedentes,

embora de um caracter differente para serem apreciadas.

O programma continha quatorze numeros, intercalando os numeros das provas de musica com os numeros das provas litterarias.

A primeira parte abriu por uma conferencia *Genio portuguez* pelo alumno sr. Gustavo Ferreira Borges, que mostrou as melhores disposições para orador, sendo muito applaudido. Com muito agrado foram ouvidos os alumnos que recitaram, assim como as provas de musica.

A segunda parte abriu tambem por uma conferencia *Patria Portuguesa* pelo alumno sr. João Monteiro de Castro, que foi muito applaudido.

As provas que se realisaram no dia 1 do corrente foram as da aula de dança, o que importa dizer que foi um baile infantil com todos os encantos de uma tal diversão.

A impressão que as festas da Escola Academica, deixaram em nosso espirito, foi a d'um certo pesar, que toda a alegria e vida que ali se manifestou, não pode esmorecer, e foi a pena de não haver ainda em Portugal muitas escolas particulares assim organisadas, e de nem todas as crianças poderem receber uma educação tão completa como a que ali se minis'tra.

Inauguração da Camara de Commercio Anglo-Portuguesa em Londres

A inauguração da Camara de Commercio Anglo-Portuguesa, que devia ter-se realizado solememente em 1 de Fevereiro d'este anno, (1) foi adiada em consequencia da morte do rei Christiano da Dinamarca, occorrida em 29 de janeiro, que levou o luto ás principaes côrtes da Europa e muito particularmente á côrte de Inglaterra mais intimamente ligada por laços de paren-



PROVAS ANNUAES DAS AULAS DE EDUCAÇÃO PHISICA

JOGO DE PAU

(Clichés da Photographia Portuguesa)

tesco, pais que aquelle monarcha era pae da rainha Alexandra.

Entretanto em 1 de fevereiro realizou-se um banquete particular, a que assistiu o actual ministro da fazenda sr. conselheiro Ernesto Driesel Schröter, então presidente da Associação Commercial de Lisboa (2), e que n'essa qualidade foi expressamente a Londres, banquete com que se celebrou particularmente a inauguração da referida Camara do Commercio, e que teve toda a importancia para as boas relações de amizade e de commercio entre Portugal e a Inglaterra que ali se affirmaram.

Essa inauguração particular teve no dia 28 de junho findo a sua confirmação official, com um novo banquete no *Princes Restaurant*, a que presidiu o ministro português em Londres sr. Marquês de Soveral e a sr.^a Baronesa de Sousa Deiró, esposa do presidente effectivo da Cammara do Commercio Anglo-Portuguêsa.

Este banquete teve o brilho de uma grande solemnidade e da sua importancia se pôde fazer ideia pelos personagens que n'elle tomaram parte e pelo motivo que o determinou, tratando-se de desenvolver e de estreitar as relações de commercio entre os dois países, com que seguramente muito tem a lucrar Portugal.

Mais de duzentos e cincoenta convites foram feitos para este banquete, cuja comparencia foi numerosa. Citaremos os nomes de alguns dos personagens que n'elle tomaram parte e de que temos conhecimento:

Sir Thomaz Lipten, amigo particular do rei Eduardo, sir Christopher Turness, sir William H. Holland, membro da Camara dos Communs e presidente da Associação das Camaras de Commercio do Reino Unido, sir Edward Fithian, secretario da mesma associação, sir Ralph Littler, um dos directores da nova empresa de frigorificos entre Lisboa e Bristol, sir Edward Stern, o sr. Adelino Pinto Leite, representando a Associação Commercial do Porto, o sr. dr. D. G. Delgado, representando a Academia Real das Sciencias, o sr. Gaspar Moreira, representando a Associação Commercial dos Lojistas, srs. Paiva Raposo, Ferreira do Amaral, Alfredo, Alberto e Manuel Pinto Leite, mr. Foursier, vice-presidente da Camara de Commercio Francêsa, P. Polenghi, presidente da Camara de Commercio Italiana, Godchan, presidente da Cammara de Commercio Anglo-Belga, C. Pallitzer, presidente da Camara de Commercio Anglo-Hungara, Seducy Humphries, presidente da Camara de Commercio de Bristol, A. J. da Silva, tenente Bom de Souza, viscondes de Horncastle, barão d'Anvers, conde Reginaldo, Word, consul geral da Roumania, dr. Guerreiro, Owen Philippo, membro da Camara dos Communs e director da Companhia dos Vapores do Pacifico, Walter Sademan, Waltep G. Hamburg, representando a Companhia de Moçambique, honoravel R. H. Behrend; dr. Williams Rose, os representantes do *Times*, *Daily Telegraph*, *Tribune*, *Daily News*, *Morning Post*, *Standard Mornin Advertiser*, agencia Reuter, correspondente da Havas, *Daily Mail*, *Financial Times*, *Globe*, *City Press*, *Landy's Pictorial Referu*, *Gentlewoman*, *Sphire*, *Sketch*, *London Illustrated News*, *Birmingham Daily Post*, *Leicester Post*, *Sussex Daily News*, *Birmingham Post*, *Nottigham Guardian*, de Brandford, *Daily Telegraph*, *Essex Weeckly News*, *South Wales Daily News*.

N'esse banquete houve os bríndes do estylo pronunciando entusiasticos discursos os srs. Marquês de Soveral, Marquês de Lansdown, Lord Denbigh, sir William Holland, sir Albert Rollis, o Lord Maior de Londres e o Barão de Sousa Deiró.

O sr. Marquês de Soveral annunciou no banquete que El-Rei D. Carlos lhe mandara um telegramma desejando a maior prosperidade á Camara de Commercio Anglo-Portuguêsa.

As aspirações da nova camara não se limitam so a desenvolver o commercio entre os dois países, n'as ainda a estender a sua acção até aos commerciantes portuguezes do Brasil que tem negocio com a praça de Londres etc.

Vê-se por este plano todo o alcance d'esta nova instituição, e quanto ha a esperar da sua patriótica e benéfica influencia no commercio, sendo digna de todo o apoio por parte dos governos, secundando os esforços que o sr. Barão de Sousa Deiró empregou para a fundar através de todas as difficuldades que se levantaram ao seu intento.

LITERATURA DINAMARQUESA

Em como o João foi três vezes ao cabo Horn

POR

Holger Drachmann

(Continuado do n.º 990)

E vae eu desci pela escotilha e fui ter com o Patusco que ficou tão contente que até vi geitos de me comer em vida. Ao depois chamei pelo mestre-cuco, que sempre nos tinha tratado bem tanto a mim como ao animal, e disse-me elle que esperasse uma migalhinha enquanto elle nos arranjava um jantarinho catita, com boa sopinha, pastéis de carne e assado.

Eu, para enganar a fome, peguei no harmonio e pus-me a tocar as modas todas, de que eu me lembrava, cá da nossa térrinha, e o Patusco a olhar para mim, e quando eu tocava outra moda, a uivar, nem que fosse uma alma christan que estivesse a ouvir as cantigas com que tinha sido criado.

Nisto vem ter comigo o contramestre; a perguntar-me, em nome do capitão, se eu estava ou não disposto a trabalhar.

— Eu cá se não trabalho mais e por que não posso! respondi e continuei a sanfonear outra moda no meu harmonio.

— Se eu me prestaria a ir á presença do capitão, ao camarote!

Acompanhei-o, e lá estavam de palestra o capitão e os dois contramestres, e o veiete com o tal calhamaço aberto adiante de si, e apresentou-me uma penna e perguntou-me se eu queria assignar, que me deitavam abaixo um mês da soldada, por eu me ter negado a trabalhar.

Fiquei-me a olhar para a penna e respondi, que não sabia escrever.

— Não tens mais do que pôr o teu signal aqui por baixo, observou elle com aquelle seu ri-nho adocicado.

— A mim tanto se me dá! tornei eu. Peguei no tinteiro e entornei-o por cima da papelêta.

— E agora está saldada a conta! disse eu.

— Pois agora vaes mas é para a fortaleza! bramou elle.

Dito isto, arriaram a lancha para o mar, e saltaram para dentro os remadores; eu, entretanto, fui ter com o cozinheiro, e fui tratando de me acautelar com uma boa dose de sopa e de carne, para ter com que entreter o estomago, e o Patusco botou o dente a quanto osso e quanto nervo pôde apanhar, e eis que apparecem outra vez os três beleguins.

O cachorro saltou para dentro da lancha, quando nós iamos a largar, e vae eu pus-me a rogar pragas e a jurar, que os fazia em cisco a todos elles, se não consentissem que o Patusco fosse em minha companhia.

Pregaram comigo na esplanada da fortaleza, para onde tinha já marchado atrás de nos uma cafila de basbaques; puseram-nos as algemas, e deitaram-nos a ambos de dois os grilhões aos pés; e veiu connosco, tambem, um arganaz de de um mulato, um carga de ossos, e ficámos ambos algemados, pulso com pulso.

Impingiram me um bom espantalho, não tenha duvida! bramei eu, e atirei um puxão á cadeia que o fiz andar numa dobradoira.

— E para onde irão elles pregar connosco?

— Em Spanishtown! respondeu elle, e não fazia senão olhar para o cão, que não me largava a sombra, por mais que os soldados o enxotassem.

— Para que estás tu a fazer esses olhos de carneiro mal morto para o cão? pedaço de esqueleto, tu, pelos modos, se o apanhasses a geito, não te ensaiavas para ferrar com elle no bucho?

E fomos dali para uma estação de caminho de ferro, atruzaram connosco num vagon aberto, para transporte de gado; ou coisa que o valha.

E assim nos apartaram, a mim e ao Patusco. E lá fui galgando vinte e cinco milhas, de graça, de sucia com uma cafila de larapios; que eu, nem reparei sequer nos companheiros, ia triste com'á noite, por me vêr sem o meu melhor amigo.

E não se me tirava da ideia o pobre do brutinho, a estafar-se a correr, em minha procura, e a esticar de fome, que era o mais certo; e atirei uma marrada ao espantalho do mulato: se eu precisava de ir amolando a raiva em alguém!

E, para maior arrelia, a jornada parecia não ter fim. — ora digam se não era caso para uma pessoa se derramar! — com um calor de rachar, inda por cima!

(Continúa)

M. MACEDO.

A natureza e seus phenomenos

PARTE V

ELECTRICIDADE

CAPITULO I

ELECTRICIDADE ESTÁTICA E DYNAMICA

(Continuado do n.º 978)

Os aparelhos que servem para accumular grandes quantidades de electricidade, são os condensadores.

Um condensador consta essencialmente de duas superficies boas conductoras (armaduras), separadas por um corpo isolador.

O mais usado é a garrafa de Leyde. Consta de uma garrafa de vidro forrada exteriormente por uma tolha de estanho, e tendo interiormente folhas de cobre ou oiro batido, comunicando-se, por meio de uma haste de latão, que atravessa a rolha que fecha a garrafa e terminando a haste em esphera.

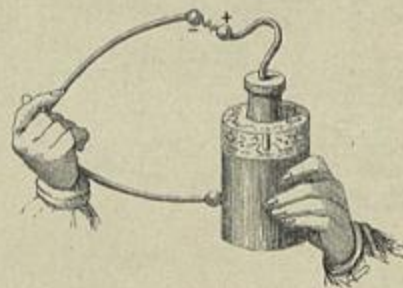


FIG. 58 GARRAFA DE LEYDE

Approximando-se a esphera da armadura interior, junto dos conductores da machina electrica, e pondo a armadura externa em communicação com a terra, a electricidade positiva da machina espalha-se na armadura interna, actua por influencia, atravez do vidro sobre a armadura externa, attrahe a electricidade negativa e repelle a positiva, que se perde no solo.

A descarga do condensador pode ser feita instantanea ou lentamente, estando as duas armaduras em contacto com a lamina isoladora.

Effeitos da electricidade estatica. — Os effeitos da electricidade estatica podem ser *physiologicos*, *physicos*, *chimicos* e *mechanicos*.

Effeitos physiologicos. — São os que se produzem sobre os seres organizados, os quaes consistem principalmente, em contracções musculares tanto mais violentas, quanto maior for a tensão do fluido da machina e a sua quantidade — muitas pessoas podem sentir os seus effeitos, unindo as mãos e constituindo o que se chama cadeia — O individuo de uma das extremidades segura na armadura externa do condensador, e o do outro extremo, aproxima a mão livre, do botão da armadura externa — A descarga de uma bateria pode produzir morte instantanea.

Effeitos physicos. — Pedem ser luminosos ou calorificos.

A intensidade da luz produzida na fiação electrica é tanto maior, quanto maior for a conductibilidade dos corpos entre os quaes se effectua a descarga; a sua cor é variavel consoante a natureza dos corpos, a atmospheria do ambiente e a pressão.

A fiação produzida entre duas varetas de carvão é amarella; entre duas bolas de marfim ou madeira, carmezim; entre duas bolas de cobre prateadas, verde, etc. No ar, á pressão normal, a luz electrica é branca e brilhante; no vacuo, violeta; no oxigenio, branca, no hydrogenio, vermelha; no acido carbonico e vapores mercuriaes, verde; no azote, azul.

Os effeitos da pressão atmospherica sobre o brilho da luz, estudam-se com o aparelho, denominado *ovo electrico* é um globo de vidro apoiado sobre um pé de latão, e disposto de forma tal que se possa aparafuzar na machina pneumática, afim de se lhe poder fazer o vacuo.

O globo é atravessado em baixo e em cima, por duas hastes de latão terminadas em esferas — A superior pode approximar-se ou affastar-se da inferior que é fixa. — Faz-se o vacuo no balão, pondo a haste inferior em communicação com o solo, e

(1) Vidé prezente vol. pag. 34, n.º 977.

(2) Idem

a superior, com uma machina electrica, observando-se entre os dois balões, uma luz violacea fraca e continua. Deixando entrar o ar, a pouco e pouco, abrindo a torneira, a luz torna se branca e brilhante.

A fuisca electrica origina igualmente calor, o qual é tão intenso que é capaz de fundir todos os corpos. A descarga de uma garrafa de Leyde pode determinar a inflamação do alcool e do ether. A descarga de uma bateria sobre um fio de platina ou ouro eleva-se a tal temperatura, que o faz fundir e volatilizar.

Efeitos chimicos.—São as combinações e decomposições determinadas pela passagem da fuisca electrica atravez dos corpos. A electricidade estatica decompõe o ammoniaco, o sulphydrico, etc, contudo, os efeitos da electricidade dinamica são, como veremos, mais energicos.

Efeitos mechanicos.—A fuisca electrica é susceptivel de furar laminas de vidro, despedaçar a madeira e a pedra, e produzir a expansão dos liquidos e gases.

ELECTRICIDADE DYNAMICA

Em 1786, Galvani, celebre professor de anatomia em Bolonha, tendo preparado algumas rãs para estudos anatomicos, pendurou as a uma grade de ferro, por meio de colchetes de cobre collocados entre a columna vertebral e os nervos lombares, notando que, n'essa occasião, aquelles animaes mortos, agitavam-se em rapidas e energicas convulsões como se estivessem com vida. Tendo Galvani suspeitado de estar na presença de um novo principio e observado que o phenomeno sempre se produzia cada vez que se repetiam as mesmas circunstancias explorou o facto dizendo que essas convulsões eram devidas a um fluido electrico particular, dos nervos aos musculos, por intermedio do cobre e do ferro que apenas serviam para estabelecer comunicação entre os referidos orgãos. Estes animaes foram, então, considerados como garrafas de Leyde, constituindo os musculos e os nervos, as duas armaduras. Mais tarde, Volta, occupando-se da descoberta de Galvani, reconheceu ser infundada a theoria d'este dizendo que o facto das contracções era sómente devida ao contacto entre dois metaes e que o corpo da rã apenas servia para fechar o circuito.

Para demonstrar que o contacto dos dois metaes desenvolve electricidade imaginou Volta uma serie de elementos, cada um d'elles composto de um disco de cobre, e outro de zinco, soldados, sendo esses elementos separados por uma rodela de panno embebida em agua acidulada em acido sulphurico, e collocados uns sobre outros, em forma de columna e sempre na mesma ordem. Na parte superior d'esta, collocou um disco de cobre, e na parte inferior, um disco de zinco—a esta serie de elementos denominou *pilha*.—Esta columna de discos é mantida em equilibrio por trez outras columnas de vidro fixas a bases circulares de madeira.

Volta denominou *elemento da pilha*, a cada disco formado de dois metaes diversos. Hoje chama-se um *elemento*, ao conjuncto da lamina de zinco com a lamina de cobre do disco seguinte, e a rodela de panno intermedia. O zinco torna a electricidade positiva, emquanto que o cobre torna a electricidade negativa.

A pilha poderá ter um dos extremos isolado, e o outro em contacto com o solo, ou tel-os ambos isolados. No primeiro caso, o externo em contacto com o solo, está no estado natural, havendo no resto da pilha, electricidade positiva ou negativa consoante o aparelho descança no solo, pelo cobre ou pelo zinco. No segundo caso, a parte media está no estado natural, e os extremos carregados de electricidade contrarias que augmentam do centro para os externos. A metade que termina pelo disco tem o fluido positivo, e a que termina pelo cobre, fluido negativo.

Tensão de uma pilha é a tendencia que a electricidade, accumulada nos seus externos, tem para se escapar, vencendo a resistencia que se oppõe ao movimento.

O **polo positivo da pilha** é a extremidade onde se accumula o fluido positivo, e o **polo negativo** aquelle onde tende a accumular-se o fluido negativo.

Reophoros são os fios metallicos ligados aos polos da pilha e que servem para a fazer comunicar entre si.

Communicando os polos da pilha, obtemos o movimento electrico (corrente). E' esta a primitiva pilha de Volta.

Tomando um copo com agua acidulada pelo acido sulphurico e mergulhando no liquido, uma lamina de zinco, e outra de cobre, o acido sulphu-

rico ataca o zinco, formando o sulphato de zinco que se dissolve na agua, e formando-se hydrogenio. D'esta acção chimica, resulta desenvolvimento de electricidade, tomando o zinco, a electricidade negativa, e o acido, a positiva que é communicada ao cobre. Temos assim constituída uma pilha.

Para augmentar a quantidade de electricidade que circula no fio, convém, pois, augmentar a resistencia interior, o que se consegue, reunindo varias pilhas, umas ás outras, constituindo os elementos.

(Continúa.)

ANTONIO A. C. MACHADO



O MEZ METEOROLOGICO

Junho, 1906

Barometro.—Maxima altura 768,^{mm}4 em 19.

» —Minima » 757,^{mm}4 em 11.

Thermometro.—Maxima altura 33,[°]7 em 21.

» —Minima » 14,[°]5 em 4.

A temperatura teve quasi sempre acima do normal, excepto em 6 (max. 17,[°]9). Na vespera, a maxima tinha sido de 25,[°]5. Já em 8, subiu a 24,[°]0.

De 13 a 18, maximas entre 21[°] e 24[°] e minimas entre 15[°] e 16,[°]5. — Em 19 — Maxima 27,[°]4, em 20, 32,[°]5 — em 21, 33,[°]7 com minimo de 24,[°]3, e 22, maxima de 29,[°]3 e minima de 23,[°]7. — Grande baixa de temperatura nos ultimos dias do mez, (Em 30 — 22,[°]0 — 15,[°]3).

Chuva.—12,^{mm}3 em 3 dias (4 a 6).

Vento dominante.—NE.

Nebulosidade.—Bom tempo 20 dias.

Nublado 9 »

Encoberto 1 »

Trovoada em 4. Trovões e relampagos, em 12.

Hygrometro.—Extremas 93 em 7; 15 em 21.

Temperatura media maxima 28,[°]55 em 21. — Minima 16,[°]53, em 6.

A ruina do monumento commemorativo do desembarque dos bravos do Mindello

No dia 8 do corrente passou o 74.^o anniversario do desembarque das tropas liberaes no Mindello, em 8 de julho de 1832, data memoravel que ja foi muito festejada, mas que parece tem ido esquecendo, como esquecida tem ido sendo a Constituição pela qual aquelles bravos combateram e tantos se sacrificaram.

Mas isto ainda não é tudo; o singelo monumento que commemorava o desembarque dos bravos do Mindello, e que fôra mandado collocar na praia de Villa do Conde, por Antonio José d'Avila, depois duque d'Avila e de Bolama, quando governador civil do Porto, está em risco de desaparecer, tal é a ruina em que as repetidas investidas do mar, o vão pondo.

Pessoa que ha pouco esteve junto d'este monumento, confirma o que dizemos pois observou a sua ruina eminente não se percebendo já a mais breve inscripção pela qual se saiba o que aquelle simples obelisco commemora. Ha annos uma fuisca electrica destruiu uma corôa real, de granito, collocada no vertice da pyramide e o tempo vae derruindo o resto, se não lhe accudirem.

A este respeito lêmos tambem ha dias uma carta no *Diario de Noticias*, firmada por um leitor assiduo, que descreve o lastimavel estado em que se encontra este monumento e apêla para a Comissão dos Monumentos para que acuda a tanta ruina.

Egal apelo nós fazemos tambem e aqui expomos aos olhos do publico e da illustre Comissão o glorioso monumento, que, se pouco vale pelos primores da arte, muito elle representa por seu valor historico.

Se a Constituição periga e ameaça passar á historia, salva-se pelo menos o monumento dedicado aos que a vieram implatar em Portugal, que sempre bem merecem mais da patria, que os posterios que tanto a tem deturpado



MONUMENTO COMMEMORATIVO DO DESEMBARQUE DOS BRAVOS DO MINDELLO



INAUGURAÇÃO DA CAMARA DE COMMERCIO ANGLO PORTUGUESA EM LONDRES — O BANQUETE INAUGURAL

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras



R. do Alecrim, 111, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

Methodo Berlitz

LISBOA

R. do Alecrim, 20 A
1.º e 2.º andar

PORTO

Rua Sá da Bandeira, 25g

Duas medalhas de ouro e prata
Exposição Universal de Paris de
1900 Grand Prix—
Exp. de S. Luiz 1904
Exp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Línguas Vivas

Ensino pratico

FOR

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Alfonso XIII
Professores de S. A. o Principe Regal da Alemanha
Professores de S. A. o Principe Friedr. Wilh. da Prussia, etc.
ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERAES, separadas para HOMENS e SENHORAS
Allemão, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã às 10 horas da noite

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 1\$500 REIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca
em todos
os estabelecimentos



CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos
os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A melhor agua de mesa conhecida
AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral :

Rua do Arco do Bandeira, 216, 1.º
LISBOA

SELLOS

Compram-se sellos antigos e modernos novos e usados de todas as nações, pagam-se sempre por maior preço que outra qualquer casa. Vendem-se em pacotes todos diferentes.

50 colonias estrangeiras .	250
100 " " " .	700
150 " " " .	1\$400
200 " " " .	2\$000
300 " " " .	4\$200
400 " " " .	8\$500
500 " " " .	19\$000
200 estrangeiros diferentes	300
300 " " " .	500
500 " " " .	1\$500
1:000 " " " .	4\$300
1:200 " " " .	7\$500
1:500 " " " .	10\$000

Vendem-se albuns, catalogos e sellos desde 50 a 100 réis o franco, fazem-se remessas á escolha, mediante abonações ou deposito.

BARBOSA & ESTEVES
58, Rua de Santo Antão, 60

CAPAS PARA ENCADENAÇÃO

DO

OCCIDENTE

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

Pedidos á

Empresa do OCCIDENTE

Largo do Poço Novo

LISBOA

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

ℵº telephonico, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras.—Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.